NO PAÍS DOS VAQUEIROS

GOMES DE FREITAS

Quando o escritor Nertan Macêdo conferiu-me a insigne honra de ler os originais de *O Clã dos Inhamuns*, senti-me feliz de ver retraçada com beleza e fidelidade a história de uma família de guerreiros e pastôres que se constitui, sem dúvida, na própria história de minha terra.

O autor de *O Clã dos Inhamuns*, valor exponencial da atual geração de escritores brasileiros, com uma bibliografia que esgota o assunto, com espírito crítico de pesquisador honesto, penetra os fatos ocorridos no povoamento, traz luz a pontos obscuros e escreve com seriedade a verdadeira história do recuado sertão cearense. Tudo nêle é reminiscência, tudo traz à mostra em letra de fôrma o que se conta por aquelas paragens e que os novos repetem na tradição oral de seus maiores. Lendo-o vivi um pouco de minha juventude, relembrei um passado que não vai longe mas que se entrosa com os fatos antigos, porque desde criança aprendi a amar extremosamente a minha terra ouvindo os feitos heróicos de seus destemerosos vaqueiros. Posso dizer que com alguns dêstes descendentes de centauros travei conhecimento e dêles as maravilhas da afoiteza na caatinga bruta escutei admirado. No meu tempo ainda era o sertão livre de cêrcas e os campos se distendiam abertos ao vaguear do boi e às proezas incríveis dos vaqueiros.

Nasci de ancestrais fazendeiros, na casa de "São Pedro", cabeceira do Trici. A minha primeira infância decorreu no contacto direto da vida agreste, mas alegre e feliz das labutas na fazenda. Com meu irmão Juvêncio percorri todos os desvãos dos antigos domínios dos Lugares Santos de Jerusalém. À procura das cabras fugidiças "amontadas" andamos das chapadas da Galiléia aos morros de Nazaré.

A lagoa de Santiago, de onde um filête d'água parte para formar o Jaguaribe, demorou-me muitas vêzes na espera do jumento que vinha para a bebida. Não tomei, é certo, parte ativa entre aquêles que vestiam o gibão. Todavia, aprendi a querer a sua vida, a admirar as suas façanhas.

Ainda criança, com seis anos, mudei-me para a vila de Tauá. A vida das pequenas cidades do sertão pastoril nordestino pouco diferia da fazenda, e ainda hoje é comum o domicílio na fazenda e na cidade. Assim, largando uma sem me enraizar definitivamente na outra residência, conservei o meu amor pela vida do campo que, na escola de Antônio Joaquim Madureiro, onde aprendi o abc, mais se consolidou. Foi de Madureiro que ouvi pela primeira vez a história do *Rabicho da Geralda*, o boi corredor de outros tempos. O mestre-escola, com um cursivo muito bonito, passava para o papel almaço a história funambulesca do novilho feroz e, aos sábados, dia de feira, lia entre surrões de gêneros, para a matutama, carregando a voz nas partes mais sensacionais e seguindo com as mãos o desenrolar dos fatos. O papel, bem copiado, rendia uma rapadura, um litro de farinha ou de feijão.

Sou de origem, de formação e por idealismo vaqueiro, da boa raça de vaqueiros dos Inhamuns de mais de duzentos anos, e parte dos quais Nertan Macêdo fala com precisão. Nos sertões de minha terra, como todo o sertão pastoril do Nordeste, aprendemos cedo a admirar o cavalo, o cavalo de campo, o cavalo "açoitado", aquêle que perseque na caatinga o boi levando o vaqueiro a salvo dos maiores perigos. O cavalo pequeno dos Inhamuns, adestrado para as lidas do campo, pode-se dizer que com o vaqueiro constituem o centauro da mitologia. Vivem as peripécias da labuta na fazenda. Estão associados na corrida desabalada nas caatingas, subindo serrotes, descendo grotões, passando por lugares onde a pé o homem sente dificuldade de atravessar. Esperando o boi "na cava", o cavalo sabe o momento de recuar para o vaqueiro, ligeiramente debruçado sôbre sua cabeça, com destreza, furar a faca o cangote do boi. Um cavalo que não é capaz desta proeza levará fatalmente à morte tanto o vaqueiro como a si próprio. "Açoitado", um dos cavalos de Emídio Cavalcante, da Forquilha, pulou certa vez um boi, no pátio da fazenda São José. Emídio esperava-o para furar quando, aproximando-se o animal, sentiu estranho receio. "Ferrou" o cavalo nas esporas, para a retirada, mas o bovino já se encontrava muito em cima. O cavalo, sentindo a rédea sôlta, as esporas lhe ferrar os "vazios", o boi a pouca distância sua, deu uma guinada para a frente e, num salto formidável, pulou-o da cabeça para os pés. Fatos extraordinários se contam, aos milhares, de cavalos bem "açoitados". Um outro é digno de menção. Certa vez, um dos cavalos de Emídio, em que montava o seu filho Juca, passou com êste numa tronqueira de pau que para o chão media ape-

nas quatro palmos. Dezoito vaqueiros seguiam-no na temerosa carreira. Todos tiveram de ali parar. Juca nada sentiu, apenas o solado de sua chinela, no atrito com o chão, despregou.

Açoitando o cavalo, o vaqueiro é o herói que domina as caatingas, subjuga o boi bravo, vive uma terrível aventura e, salvo ligeiros incidentes, onde são mais comuns os deslocamentos de braços, que êles próprios recolocam, no momento. É uma figura ainda não estudada devidamente, por isso que pouco admirada. Os seus feitos não são menos perigosos que os dos toureiros de Madrid; são de lances mais difíceis que os dos afamados *cow-boys* do Oeste americano, como também muito se avantajam às proezas dos cossacos das estepes russas. Têm a valentia dos bravos e nunca sabem, nas refregas da caatinga, o que seja recuar. Penetram-na com a agilidade do gato e vadeiam-na sobranceiros aos perigos. Não sabem o que é mêdo.

A coragem leva-lhes a enfrentar os paus tortuosos, os espinhos dos cardos, os obstáculos a pular, as brechas por onde passar. O boi é que cede aos seus caprichos, em tombo certo. Mesmo no intrincado do mato dificilmente se distancia do seu olhar perspicaz. Uma vez "batido pernas", não mais perde-lhe de vista. É a alucinação que parece dominar.

Os Inhamuns todos os tempos foram a terra dos destros vaqueiros. O memorialista Leonardo Feitosa descreve os fatos ocorridos no século transato pelos extravagantes Capitão José Pereira do Canto e Antônio Pereira do Canto. Do século passado para o primeiro quartel do atual, são numerosos os vaqueiros que praticaram façanhas, ainda hoje lembrados pelos mais velhos; confundiam-se brancos e prêtos, senhores e agregados, porque o mister de vaquejar, o gôsto de vestir a roupa de couro seduzia tanto o campeiro profissional como o fazendeiro. Assim, vamos encontrar em quase tôdas as fazendas dos Inhamuns, misturados e feitos excelentes vaqueiros, tanto os filhos dos fazendeiros como os moradores. De momento, podemos lembrar que na casa das "Passagens", do Tenente Marcolino Cavalcante, tanto eram vaqueiros os seus filhos Emídio e Olímpio como os agregados Manuel Lucas e Julião e, por alguns tempos, o velho Chico das Melancias. Na casa do "Estreito", avulta a figura de Tãozinho. Pedro Adão e Manuel Birro foram grandes vaqueiros no rio do Jucá, da "Barra", do Cel. Leandro de Castro, e os genros do Coronel moços distintos, Francisco e Eufrásio (Major) Feitosa, envergavam o gibão e não faziam feio. Na fazenda "Pedra Branca", do Capitão Pedro Gomes (tio bisavô), o destemido Rafaelzinho sabia os segredos de pegar um boi inconseqüente. Chico Briô, da casa de "São Pedro", "criado" pela minha santa avó Ana Rita, foi notável. Raimundo Torto, dos "Bezerros", Maximiano e João da Mata, os homens de confiança do Cazuza da Joaninha. Outros mais

existiram que foram excelentes, assim no rio Carrapateira dominavam os vultos de grandes vaqueiros, como Antônio Martins, José dos Reis, Doroteu do Bom Jesus, que deixaram nome e fama.

Entre os vivos ainda existem muitos dos excepcionais campeadores dêste primeiro quartel do século. São, entre outros, os Caitano, no rio do Jucá, os filhos de Emídio Cavalcante: Juca, Toinho e Clicério, que não desmentem ao pai. De Juca se diz que, em tôda a sua vida de campo, apenas uma vez um novilho lhe escapou às mãos. Possui todos os predicados do velho. A sua última grande corrida foi cêrca de vinte anos atrás, quando o último boi bravo dos Inhamuns, na serra da Timbaúba, deixou de correr. A vaqueirama que lhe foi ao encalço exultava de satisfação e desejava a iminente corrida, como sofreguidão. Cada um pensava levar a melhor. Alguns asseguravam que pegariam o boi. Juca se mantivera calado por muito tempo, até que, em certo momento, ouviu de um vaqueiro que ninguém poria primeiro o cavalo no boi. Olhou-o mansamente e, incisivo: "Hoje entre meu cavalo e o "Vermelhinho" só anda mesmo o cabeção. Foi êle que pegou o boi. Dos irmãos Clicérios sempre foi o mais afoito, Juca o mais calculista e seguro. Estão na velhice, mas acredito que têm a doce recordação de seus velhos tempos, em que eram chamados "os donos da caatinga".

A memorialista Celina Moura, na sua *Estátua do Vaqueiro,* (ed. de "O Nordeste", de 1.4.1954) nos dá notícia de um dêsses heróis de minha terra — "campeando um boi matreiro que lhe dera que fazer para trazê-lo ao curral". Intrigada, indaga perplexa a articulista: "Mas quem era aquêle homem encourado com quem falávamos naqueles campos desertos? Montado em cavalo cardão, árdego, ofegante, inquieto, sustentando as rédeas, estava Domingos Gomes de Freitas, de Tauá, senhor de várias fazendas de criar, chefe político em sua terra." Celina vinha do Piauí, onde morava a família do marido, o Desembargador Silva Moura.

Foram exímios vaqueiros o Dr. Bernardo Feitosa, o Major Pedro de Deus, da Barra do Puiú, o grande filólogo Fausto Barreto e seu irmão General Alexandre Barreto, bem como os ancestrais do estilista que era Paulo Setúbal. E o atual Secretário de Polícia, nosso Cel. Clóvis Alexandrino, tanto sabe envergar a túnica verde-oliva como o gibão de capoeiro. A flexibilidade necessária nas caatingas o fêz inflexível em campo aberto. É um vaqueiro perfeito. Os seus tios Marçal e Newton, convocados para vaquejadas, sempre estavam na vanguarda, enfrentando por "folia" as lanças pontiagudas de novilhos perigosos. "Corredores", por vocação, eram os descendentes do Ten.-Cel. Vicente Alexandrino, sem dúvida o maior fazendeiro da região dos Inhamuns, no princípio do século.

Eram expertos no mato os moços de família. Em cada fazenda os filhos do fazendeiro animavam as corridas, trazendo para cada

"pega" difícil um amigo de outra zona. Era a camaradagem franca do homem do sertão. Uma dessas "pegas" de boi bravo ainda se conta no rio do Jucá, com muita glória para os "pegadores". Foram dela protagonistas o Dr. Bernardo, Francisco e Eufrásio (Major) Feitosa e o nosso velho amigo Dr. Mano Távora. O boi era realmente dos que não se podia ver, sem estar num bom cavalo e saber escapar das enrediças do mato. Os moços, entretanto, possuíam os melhores animais "açoitados" e, com o ímpeto da mocidade corajosa, sabiam enfrentar a caatinga. Foram bem sucedidos.

Nos sertões dos Inhamuns, entretanto, nem todos têm pendores para as arriscadas entradas nas caatingas. Eu e meu irmão Frutuoso, sanitarista Inspetor-Chefe da Saúde do Pôrto de Fortaleza, não passamos de bons vaquejadores de bezerros. Conjunturas da vida nos roubaram a vocação. Assim mesmo não esquecemos o viver de nossos maiores e a êle nos ajuntamos, ao menos, como tiradores de leite. Também tirador de leite foi o ilustre mestre do Direito e paladino das campanhas sociais do País, Prof. Joaquim Pimenta, há dois anos falecido. No seu primoroso livro *Retalhos do Passado* rememora o eminente conterrâneo: "A tarde até noite fechada, ficava à porteira do curral ou sentado no mourão, esperando que as vacas voltassem do pasto. Ou acordava muito cedo, antes do amanhecer, para ajudar a tirar o leite tangendo bezerros para dentro do curral. Muitas vêzes, tínhamos de suportar chuva, desabrigados, mas nem a roupa encharcada, nem o frio que fazia, nos torturava tanto quanto o lamaçal de mistura com estêrco de boi, que nos lascavam os pés de ferida." Curraleiro foi o catedrático das Universidades do Brasil e do Distrito Federal.

Ainda conheci muitos dos grandes vaqueiros de minha terra. Um dêles, sem dúvida, o mais expressivo, tipo de legenda, era Emídio Cavalcante, várias vêzes vereador à Câmara de Tauá, como representante de seu clã, o grupo de famílias — Cavalcante-Oliveira-Mota Teixeira — os destemerosos "Campo Prêto", do rio de Favelas. Amigo político de meu pai, com êle privei de perto e de sua bôca ouvi muitas histórias interessantes de "pegas" de bois. Não me contou, entretanto, uma das mais terríveis carreiras que deu. Desta, o seu relato colhi do velho Julião, contada a seu modo e de certa maneira que Emídio não gostava de saber. É importante dizer que Julião, quando negro nôvo, fôra campeiro do pai de Emídio, e o môço branco se constituíra num seu rival temível. Era "mestre" de Emídio o velho Chico das Melancias, de quem se dizia saber "a mão direita" e ensinara as suas rezas ao jovem "Campo Prêto", por isso que "Seu Mido" era o "principal", nas "pegas" dos dois bravos. Por isso sim, e por outra cousa que segredava quase ao ouvido, "pactuava com o diabo e, em troca, prometera dar-lhe a alma". Conversa de negro-velho!

No município de Valença, no Piauí, ao dealbar do século,

"corria" um novilho com fama de "apadrinhado". Boi arisco, "espoletado", que só vinha à bebida — um ôlho-d'água num pé de serra "fechadíssima" — às horas mortas da noite e de três vêzes de quatro em quatro dias. Muitos vaqueiros lhe tinham, em vão, "botado" o cavalo. Outros mal conseguiram escutar o estalo de seus cascos quando, pressentindo, "espirrava" das proximidades da bebida. O sonho de todo bom vaqueiro era segurar o boi. E como todo bom vaqueiro deseja associar seu nome a um feito, também dos Inhamuns partiram Emídio com Manuel Lucas e Julião, dois campeiros da casa das "Passagens". Andaram mais de quarenta léguas. Levaram, soltos e bem tratados, os cavalos. Cada um tinha a sua fama de bom corredor. Foram ao local da bebida. Era terrível a caatinga. O terreno acidentado demais. O ôlho-d'água ficava a meia encosta da serra, num despenhadeiro eriçado de espinhos e cheio de pedras. Ali chegaram com dia alto, fizeram pousada e aguardaram a primeira e segunda noite. Na terceira, cavalos no "ponto", escutaram a "pisada" arisca de uma rês que descia a serra, na ponta dos cascos, "especando" aqui e acolá, "tomando chegada". Apesar da noite densa, sem lua e algumas estrêlas brilhando no céu, os vaqueiros montaram e aguardaram com ânsias o momento decisivo. Julião contava que "Seu Mido" parecia querer "passar-lhe sebo nas ventas". Era ainda um pouco do antigo despeito. Os minutos pareciam horas e o boi descia cautelosamente. Em dado instante Emídio pressentiu maior proximidade e disse para Julião: "Tome do lado de baixo." Julião sente sobrôço, os olhos esbugalhados não querem acreditar no que vêem; assim responde: "Vamicê mande êste vaqueiro do cavalo ruço, aí de lado." No local, só os três, mas Julião jurava que mais um vaqueiro montado num cavalo branco estava bem ao lado de "Seu Mido". Ainda houve um começo de atrito, mas nesta hora o boi "espirra" e, pela quebradeira de paus, seguindo o rumo que êle tomava, noite fechada, os três "bateram pernas" e, Emídio à frente, desprezando perigos, num terreno desconhecido, a tôda velocidade dos cavalos, foram encostando no boi e, quando a madrugada queria mandar os seus primeiros clarões, vencida a carreira, o boi bravo perdia o seu "padrinho". Êles pegaram-no.